

## A TERRA DOS VODUNS<sup>1</sup>

Sergio F. Ferretti

Até a década de 1930 a religião e o nome vodum eram pouco conhecidos no Brasil. A partir dos anos trinta, começaram a ser realizadas no Maranhão e no Pará, visitas de interessados, que iniciaram a pesquisa e documentação sobre o culto dos voduns no Brasil. A Missão de Pesquisas Folclóricas, coordenada por Mário de Andrade, esteve rapidamente no Maranhão e no Pará em junho de 1938 e documentou cânticos do culto do Tambor de Mina onde se encontra a palavra vodum. Na década de 1940 e daí em diante, começaram a ser realizadas pesquisas, como as de Octávio da Costa Eduardo e de Nunes Pereira, que documentaram a presença desta religião no Maranhão, fazendo referência a sua ocorrência em Belém e Manaus, levada por negros procedentes do Maranhão. Foi publicado também material da Missão de Pesquisas Folclóricas no Maranhão e Pará. Em meados dos anos de 1950 estudos de Roger Bastide, Pierre Verger ampliaram o conhecimento desta realidade. Depois disso só a partir das décadas de 1970 e 1980 é o Tambor de Mina voltou a ser novamente estudado.

O culto dos voduns foi trazido para o Brasil e para as Américas com escravos procedentes do antigo Reino do Daomé. Por essa razão, além do Daomé, o Haiti e o Maranhão, tornaram-se “terras” dos voduns de onde a religião se expandiu para outras regiões. O antigo Reino do Daomé na África Ocidental, conhecido de aproximadamente 1600 a 1900, sediado na região pertencente ao Benin, falante da língua Ewe-Fon, conhecida no Brasil como jeje, foi o berço desta religião. Segundo Arthur Ramos, a vida econômica, social e religiosa do Daomé girava em torno da monarquia absoluta. A família patrilinear e poligâmica era a unidade fundamental da vida social, habitando em grupos de casas (compound) onde o chefe vivia com suas esposas, cada uma morando na sua própria casa junto com os filhos casados e os irmãos mais jovens com suas esposas e filhos. Os membros mortos da família se tornam espíritos deificados.

O povo Fon é vizinho dos Yorubás, que os dominaram por certo tempo e exerceram muita influência sobre ele. A grande multiplicidade de deuses, de cultos e de mitos é uma das características da religião daomeana. A introdução de novos deuses e novas idéias relaciona-se com as conquistas. O reino aceitava cultos das sociedades dominadas e os casamentos de reis com mulheres de outras tribos, que traziam seus cultos fez com que a religião englobasse inúmeras divindades de povos vizinhos, como ocorre até hoje.

A região da Costa da África Ocidental onde se localiza o antigo Reino do Daomé, era chamada de Costa dos Escravos e também de Costa da Mina. Nesta região foi estabelecido pelos portugueses no séc. XVII o Forte de São Jorge da Mina, localizado na atual República do Gana. Existe também na região uma etnia denominada Mina. Os negros procedentes desta região foram conhecidos no Brasil como negros mina e a religião dos voduns por eles praticada é conhecida até hoje, sobretudo no Maranhão e na Amazônia, como Tambor de Mina. Existe uma música gravada pela cantora maranhense Alcione em que aparece a afirmação de que “terra de mina é o Maranhão”. Na primeira metade do século XVIII foi redigido em Ouro Preto, Minas Gerais um dicionário da língua Mina destinado a facilitar contatos dos senhores com os escravos procedentes da Costa da Mina, que na época eram abundantes em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, como mostram estudos de Yeda Castro e Mariza Soares.

A religião dos voduns se expandiu pelas Américas, especialmente no Caribe, no Haiti, em Cuba, em Trindade, nos Estados Unidos e em outros locais. Assim o culto dos voduns se espalhou pelos dois lados do Atlântico. Alladá ou Ouidah, no baixo Daomé, foi um dos centros de expansão do culto dos voduns e do tráfico de escravos. De Alladá deriva os nomes Radá e Arará, pelos quais a religião dos voduns é também conhecido no Haiti e em Cuba. Os africanos que os cultuavam, desde os tempos coloniais, receberam no Brasil a denominação de jeje. Estivemos em Cuba em 1988 e visitamos casa de culto Arará, muito parecida e com muitas semelhanças com a Casa das Minas Jeje no Brasil, sobretudo na discricção em relação aos segredos e mistérios da religião dos voduns.

---

<sup>1</sup> Encaminhado para publicação em Enciclopédia Cultural da Amazônia.

No Haiti, em função da independência conseguida mediante revolta de escravos negros e mestiços, desde inícios do séc XIX o país ficou muito isolado do resto do mundo. Segundo Alfred Metraux, o nome vodum ou vodu, palavra da língua fon que significa espírito ou deus, foi dada ao conjunto de crenças e ritos de origem africana, estreitamente associada a práticas católicas e constitui a religião das massas camponesas da república negra do Haiti. Uma lenda sinistra se desenvolveu em torno desta religião e seus seguidores foram acusados de práticas de canibalismo e de orgias. Jornalistas, cineastas e autores, sobretudo norte-americanos, em busca de exotismos, proclamaram a barbárie inata desta religião e dos povos negros que a praticam.

Atualmente existe no Brasil uma rede de loja de presentes que vende e divulga o “Voodoo do Amor”, um boneco de pano que deve ser espetado com alfinetes com o objetivo de alcançar sonhos e fantasias. Texto explicativo que acompanha o boneco diz que Voodoo ou Vodum é uma religião de origem africana que chegou às Américas através de escravos levados do Haiti, sendo similar ao nosso Candomblé. A divulgação deste boneco é uma das provas de que ainda hoje a religião dos voduns é pouco conhecida no Brasil.

Ao longo dos séculos XIX e XX, em diferentes regiões, a religião dos voduns sofreu inúmeras perseguições da Igreja Católica, dos diversos Estados, da polícia, etc. Em 1992/93 foi organizado no Benin o Festival Ouidah 92 sobre a presença africana da religião dos voduns em diferentes regiões, comemorando os quinhentos anos de contactos entre europeus e africanos. O Festival foi uma forma do governo do Benin reconhecer a importância desta religião, que no próprio país de origem foi perseguida pelo regime socialista vigente nas décadas de 1970 e 1980.

Durante o Festival Ouidah 92, além de exposições e conferências, houve desfiles e apresentações de grupos de culto aos voduns em diversas ruas e praças públicas das principais cidades do país, que atraíram multidões de apreciadores estrangeiros e nacionais e grande número de grupos de culto que se apresentaram livremente. Neste festival compareceram alguns líderes religiosos de outros países e dona Maria Celeste, vodunsi da Casa das Minas Jeje do Maranhão, entoou cânticos africanos conhecidos na Casa que foram reconhecidos e acompanhados pelos mais velhos.

O antropólogo espanhol Luís Nicolau Parés, da Universidade Federal da Bahia, tem realizado pesquisas e publicado trabalhos sobre a religião dos voduns no Maranhão, na Bahia e no Benin. Estes estudos são importantes e necessitam serem intensificados no Brasil, para um melhor conhecimento desta religião nas diferentes regiões do país, e também em outros países. Em trabalho recente, Luis Nicolau Parés mostra a importância da nação jeje na formação do Candomblé na Bahia durante o século XIX. Parés tem estudado também o culto das nesuhue que são ancestrais divinizados da família real do Daomé. Embora as tradições jeje e nagô sejam melhor documentadas, no Tambor de Mina estão presentes elementos de outras procedências africanas como Tapa ou Nupé, Fupupa ou Felupe, Cambinda, Congo-Angola e outras.

No Brasil a religião dos voduns se difundiu em diversas áreas, no passado na Bahia e Rio de Janeiro e hoje, sobretudo na região Amazônica e também em São Paulo e no Sul, levado por imigrantes procedentes da Amazônia. No Maranhão, o Tambor de Mina se desenvolveu a partir de duas casas principais fundadas em meados do século XIX, que continuam atuantes até hoje, a Casa das Minas Jeje e a Casa de Nagô e de outros terreiros direta ou indiretamente relacionados com estas casas, como os antigos Terreiros do Egito, o Terreiro da Turquia e o ainda atuante Terreiro do Justino, fundados igualmente no século XIX. Algumas regiões do interior do Maranhão, como principalmente Codó, no Vale do Itapecurú e Cururupu, no litoral Norte, foram locais de concentração de grande número de escravos e até hoje são focos importantes de difusão das religiões por eles trazidas da África e aqui mescladas com crenças em entidades de outras procedências.

A Casa das Minas Jeje exerceu e exerce grande influência até hoje, pelo prestígio de suas vodunsis ou filhas-de-santo e pela contribuição no modelo de organização da religião dos voduns. Mas a Casa das Minas não tem outros terreiros filiados ou que sigam diretamente suas tradições, tendo sido sempre uma Casa única. Na Casa das Minas os cânticos são em língua jeje e os caboclos não são cultuados. Da Casa de Nagô e de outros terreiros antigos é que derivam os demais terreiros de culto do Tambor de Mina no Maranhão, que seguem seu modelo de organização religiosa e ritual acompanhada, principalmente por dois tambores horizontais sobre cavaletes, denominados de abatás. A maioria dos

cânticos são língua nagô e em português e numerosos caboclos são invocados e cultuados. Nas casas de culto mais antigas do Maranhão existe o costume de só dançarem mulheres que recebem as divindades em transe. Os homens exercem outras funções relacionadas com a música e o sacrifício de animais. Nos terreiros mais modernos, fundados em meados dos anos de 1950 é que os homens passaram a dançar, mas em geral são em menor número do que as mulheres, embora haja notícias da presença atuante de alguns homens nos terreiros desde os primeiros tempos.

Na Casa das Minas Jeje, os voduns, em número de cerca de sessenta, se organizam em famílias de divindades, a saber: família de Davice, da qual são conhecidos um total de 27 voduns e tobossis, ou entidades femininas infantis. Estes voduns pertencem à Família real do Daomé até o rei Agongonu que reinou entre 1789 e 1797. Segundo pesquisas de Pierre Verger este culto teria sido trazido ao Maranhão pela rainha Nã Agontimé, viúva do rei Agongonu que foi vendida como escrava em virtude de conflitos na família real. Nesta família destacam-se como mais conhecidos os voduns Toi Zomadonu, o dono da Casa, Toi Dadarro, Toi Doçu, Toi Bedigá, Toi Daco e Nochê Sepazin e os voduns toquenos ou meninos, Tocá, Tocé e Jogorobossu.

A Família de Savaluno, com um total de seis voduns e tobossis, que são nobres, amigos e hóspedes do dono da Casa, Toi Zomadonu. Destacam-se nesta família os voduns Toi Agongonu, Toi Zacá e Toi Jotim. A Família de Dambira ou de Aossi Sakpatá, com 17 voduns e tobossis conhecidos, é o panteon da terra, dos voduns que são reis caboclos, que curam doenças, especialmente da pele e cujo culto é de grande importância na Casa. Destacam-se nesta família os voduns Toi Aossi, Toi Azili, Toi Azonce, Toi Lepon, Toi Poliboji, Nochê Boça e Toi Boçucó.

Há também as famílias de Quevioçô e de Aladanu, com um total de 15 voduns e tobossis conhecidos. A família de Quevioçô é a dos voduns nagôs, que são mudos na Casa das Minas e foram trazidos para manter o culto dos nagôs entre os jejes. Destacam-se entre eles os voduns Nochê Sobô, Toi Badé, Toi Liçá, Toi Loco, Toi Averequete, Nochê Abe, Toi Ajautó e Toi Avrejó. São os voduns dos astros, dos ventos, das tempestades, do trovão e do sol. Entre estes alguns são conhecidos e cultuados como orixás no Candomblé. Assim Badé equivale a Xangô, Sobô a Iansã, Abe a Iemanjá. Há também alguns voduns de outras famílias com correspondentes no Candomblé, como Doçu que equivale a Ogun, Toçá e Tocê aos Ibejis, Boça e Boçucó, a Oxumaré, Aossi que equivale a Obaluaê e alguns poucos outros. A maioria dos voduns do culto mina jeje não possui correspondência entre os orixás nagôs.

Entre os voduns da Casa das Minas e em geral no culto dos voduns do Maranhão, não se dá ênfase ao culto de Legba ou Exu, que na Casa é considerado como demônio, como responsável pela diáspora e escravização dos negros. Assim Exu ou Legba são considerados como tabu no Tambor de Mina e suas funções são discretamente assumidas por outras entidades como Surrupira, Léguas Boji, os Turcos e outras. Santa Bárbara é considerada a chefe dos terreiros de mina e Averequete é o seu delegado ou guia. O vodum Toi Averequete, sincretizado com São Benedito, é considerado na Casa de Nagô e nos terreiros de Mina Nagô, como o vodum que abre para a mata e chama as entidades caboclas. Na Mina do Pará e no Terecô de Codó, Averequete é considerado também a entidade que traz os caboclos. No Tambor de Mina do Pará e de outros estados, o culto aos caboclos está muito associado com os voduns e orixás, o que parece concordar com a tradição daomeana de assimilação da religião de outros povos.

O catolicismo está muito presente nesta religião uma vez que os escravos eram obrigados a serem católicos e que o catolicismo era a religião oficial do país até fins do século XIX e oficiosa em grande parte do século XX. A festa do Divino Espírito Santo é um ritual do catolicismo popular que, no Maranhão e em parte da Amazônia, foi incluído nos terreiros de culto afro, sendo oferecido em homenagem a entidades diversas. Assim a maioria dos terreiros de Mina de São Luís realiza uma vez ao ano a festa do Divino, em data variável conforme o calendário de cada casa. A festa do Divino, que em toda parte é um ritual do catolicismo popular, no Maranhão e na Amazônia é um ritual que foi incluído e é realizado em terreiros de culto afro. Também é comum a participação dos devotos dos terreiros em missas de santos, procissões e ladainhas que costumam ser cantadas em latim e rezadas antes dos principais ritos e festas nos terreiros. Outro aspecto do sincretismo nas religiões afro é a presença de diversos rituais da cultura popular realizados nas casas de culto e incluídas em seu calendário. Assim é comum a presença de festas com Tambor de Crioula nos terreiros, bem como a festa do Boi ou Boizinho de Encantado, em que rituais do Bumba-meu-boi, como o batismo e a morte do Boi são realizados oferecidos a entidades importantes das casas de culto. Vemos que no Tambor de Mina não estão

presentes só práticas africanas, mas sendo uma religião afro-brasileira, inclui elementos de várias procedências.

Crenças sebastianistas estão também presentes em certos aspectos da Pajelança e do Tambor de Mina do Maranhão e do Pará. Existe a crença que el rey Dom Sebastião teria se encantado e vive com sua corte na Praia dos Lençóis, próximo à Cururupu, no Maranhão, ou em outros locais e que no mês de junho aparece encantado num touro e se incorpora nos médiuns durante rituais de Cura ou de Tambor de Mina, havendo uma linhagem atuante da família de Dom Sebastião, com diversos nobres e caboclos auxiliares.

No Maranhão o termo vodum é mais conhecido e utilizado do que orixá, seu equivalente em nagô. Conforme informações transmitidas em trabalhos de Mundicarmo Ferretti, na Casa de Nagô e em outros terreiros de origem nagô, são conhecidos e cultuados, entre outros os seguintes voduns: Sobô, Averequete, Badé, Boça, Eowa, Navezuarina, Obaíla, Vondereji, Xadatã; os orixás: Iansã, Iemanjá, Nanã Burucú ou Vó Missã, Obaluaíê, Ogum, Oxossi, Xangô, Xapanã; os gentis ou nobres: Rainha Bárbara Soeiro, Dom João Soeiro, Dom João da Cruz, Dom José Floriano, Dom Luís Rei de França, Dom Miguel, Dom Pedro Anção, Rei de Junko, Rei de Nagô, Rei do Kotelo, Rei Sebastião (associado a Xapanã), Rainha Rosa, Rainha Dina. São também conhecidos e cultuados entre outros as seguintes entidades caboclas: Légua Boji Buá, Baiano, Boto Velho, Caboclo da Bandeira (ou João da Mata), Caboclo Velho, Chica Baiana, Corre Beirada, Guerreiro, João de Una, João do Leme, Luizinho, Mariana, Jarina, Pombo do Ar, Preto Velho, Sebastiãozinho, Surrupira, Tabajara, Tapindaré, Tupinambá Tombasse, Zezinho, Joãozinho, Pedrinho, Joaquim. O culto aos caboclos está muito presente no Tambor de Mina e há uma infinidade de caboclos, assim o Tambor de Mina se aproximou com facilidade da Umbanda, da qual está muito próxima.

Assim como os voduns mina jeje, a maioria das entidades cultuadas nos diversos terreiros de Tambor de Mina, se agrupam em algumas famílias principais como a da Turquia, a do Rei Sebastião, a família de Légua Boji, família da Bandeira e outras. Mundicarmo Ferretti, no livro Desceu na Guma apresenta quadros de entidades espirituais recebidas em terreiros de São Luís, de Codó e famílias de Caboclos do Tambor de Mina do Maranhão.

Entre fins do século XIX e inícios do século XX, sobretudo no período áureo da borracha na Amazônia, a religião dos voduns se difundiu por diversos Estados, destacando-se o Pará, o Amazonas e Rondônia onde temos maiores notícias de sua presença. Seth e Ruth Leacock e Chester Gabriel, entre outros, apresentam importantes informações sobre caboclos e voduns em Belém e em Manaus respectivamente. Levado por devotos provenientes destas regiões, desde as últimas décadas do século XX, a religião dos voduns, tem se difundido principalmente em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Brasília, no Paraná e em outros Estados. Há também um ramo da religião dos voduns, especialmente de tradição jeje Mahi, que se desenvolveu no Bahia e de lá se difundiu no Rio de Janeiro e em outros Estados. Na Bahia o culto dos voduns é importante sobretudo em Salvador e em Cachoeira.

No Maranhão e em outras regiões, a religião dos voduns se aproximou de práticas religiosas de outras procedências como a Pajelança e o Terecô. A Pajelança ou Cura se difundiu no Maranhão principalmente a partir do Município de Cururupu, no Litoral Norte e se caracteriza pela presença de um pajé ou pajoa que de posse de objetos rituais, como penacho, maracá e, amarrado com diversas faixas coloridas, recebe diferentes entidades ao longo de uma noite. As entidades cultuadas pertencem a diversas linhas de encantados como peixes, pássaros, princesas, caboclos, etc. e permanecem pouco tempo, enquanto o pajé canta e dança toadas em sua homenagem. O ritual dura toda a noite sendo o pajé algumas vezes substituído por outro. Os cânticos são entoados pelo pajé, repetido em coro pelos presentes, acompanhados principalmente por pandeiros e palmas. A Pajelança é considerada como parte da linha das águas doces, incluindo entidades predominantemente brasileiras, enquanto o tambor de mina faz parte da linha da água salgada, com predomínio de entidades de origem africana. A Pajelança inclui práticas terapêuticas e por isso mesmo foi perseguida como curandeirismo. No século XIX pais e mães-de-santo eram denominados indistintamente de pajés, como mostra Mundicarmo Ferretti.

Terecô é um dos nomes pelos quais a religião afro-brasileira é mais conhecida na região de Codó, no vale do Rio Itapecurú no Maranhão, de onde se difundiu por outros locais. O ritual assemelha-

se ao Tambor de Mina, com algumas diferenças nos instrumentos, nas vestimentas, no conjunto de divindades e nos cânticos entoados. Destaca-se no Terecô a presença da família de Légua Bojí Buá com seus diversos filhos, entre os quais Antônio de Légua, Coli Maneiro, Dora de Légua, Folha Seca, Joãozinho, Joaquinzinho, Lauro, Lourenço, Manoelzinho, Maria de Légua, Mearim, Tereza de Légua e muitos outros. Entre outras entidades recebidas em Codó, destacam-se Barão de Guaré, João de Una, Leontino, Preto Velho de Angola e Rainha Rosa.

No Maranhão e no Pará, a religião dos voduns, ou Tambor de Mina se aproxima da Umbanda e também do Candomblé, religiões afro-brasileiras que se expandiram no país ao longo do século XX. No Maranhão, em decorrência de contatos com o Centro Sul, muitos terreiros se dizem de Umbanda porém se diferenciam pouco do Tambor de Mina, exceto pelo predomínio de cânticos em português. Na segunda metade do século XX, especialmente a partir dos anos de 1970, o Candomblé se difundiu também no Maranhão, no Pará e na Amazônia, pela presença de contatos com a Bahia e com outras regiões do país, como Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. O Candomblé passou a gozar de grande prestígio cultural sendo considerada como religião mais bem estruturada do que o Tambor de Mina, destacando-se a presença de vestimentas rituais específicos como paramento dos orixás, de cânticos em língua nagô, tradução de mitos africanos especialmente nagôs. Com a difusão do Candomblé nota-se a valorização de uma ideologia de dessincretização e de africanização, destacando-se a presença de mitos, cânticos, rituais, divindades e vestimentas de inspiração africana, que são considerados como sendo mais puros do que os rituais com entidades caboclas, comuns no Tambor de Mina. Esta valorização tem ocorrido sobretudo em grupos de culto que contam com a presença de pessoas mais jovens.

Alguns encantados da Mina são mais conhecidos e cultuados no Pará, como ocorre com as princesas turcas Jarina e Erundina, que parecem ter vindo de lá para o Maranhão, como registra a letra de uma doutrina cantada em São Luís que diz: “Aê, e á, Jarina chegou do Pará.” Como no Daomé e no Haiti, a religião dos voduns no Maranhão e na Amazônia, assume características próprias e as vezes nomes específicos em cada região e muitas entidades são mais conhecidas e cultuadas em determinadas localidades.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CASTRO, Yeda Pessoa de. A língua MINA-JEJE no Brasil. Um falar africano em Ouro Preto no século XVIII. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/ Séc. de Estado da Cultura, 2002.
- EDUARDO, Octávio da Costa. The negro in Northern Brazil: a study in acculturation. New York: J. Augustin Publisher, 1948.
- FERRETTI, Mundicarmo M. R. Desceu na Guma: o caboclo no tambor de mina no processo da mudança de um terreiro de São Luís - a Casa Fanti-Ashanti. São Luís: SIOGE, 1993.
- FERRETTI, Mundicarmo M. R. Encantaria de Barba Soeira. Codó, capital da magia negra? São Paulo: Ed. Siciliano, 2001.
- FERRETTI, Mundicarmo M. R. Pajelança do Maranhão no século XIX. O processo de Amélia Rosa. São Luís: CMF/FAPEMA, 2004.
- FERRETTI, Sergio F. Querebentã de Zomadonu. Etnografia da Casa das Minas. São Luís: EDUFMA, 2ª Ed., 1996.
- FERRETTI, Sergio F. Repensando o Sincretismo. São Paulo/São Luís: EDUSP/FAPEMA, 2005.
- GABRIEL, Chester E. Comunicações dos Espíritos. Umbanda, cultos regionais em Manaus e a dinâmica do transe mediúnico. São Paulo: Loyola, 1985.
- LEACOCK, Seth & Ruth. Spirit of the Deep: a study of na Afro-Brazilian Cult. New York: Anchor, 1975.
- LIMA, Marta Valéria. Barracão de Santa Bárbara em Porto Velho - Ro. Recife: UFPE/PPGAS, Dissertação de Mestrado, 2000.

MERCIER, P. Los Fon Del Dahomey. In: FORDE, Daryll. *Mundos Africanos*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1975, p. 312-345.

METRAUX, Alfred. *Lê vaudun haitien*. Paris: Gallimard, 1968.

PARÉS, Luis Nicolau. *A Formação do Candomblé. História e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas: Ed.Unicamp, 2006.

PARÉS, Luis Nicolau. O triângulo das Tobosi: uma figura ritual no Benim, Maranhão e Bahia. In: *Afro-Ásia*, n° 25-26, 2001, p. 177-213.

PEIXOTO, Antônio Costa. *Obra nova da língua geral de mina*. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1945. Manuscrito publicado por Luís Silveira.

PEREIRA, Manuel Nunes. *A Casa das Minas: o culto dos voduns jeje no Maranhão*. Petrópolis: Vozes, 1979 (Original, 1947).

RAMOS, Arthur. *As culturas negras. Introdução à Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil, 1972.

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

VERGER, Pierre. Uma rainha africana mãe-de-santo em São Luís. São Paulo: *Revista USP*, 6, p. 151-158, 1990.

São Luís, dez. 2006